



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 80

Na Fogueira

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna. Recentemente, a Ana Pinho trouxe uma história pra gente que era boa demais.

Ana Pinho: Na verdade, eu cheguei nessa pauta pela humilhação dupla de uma fake news que eu propus pra Rádio Novelo.

Branca Vianna: Uma fake news muito interessante, diga-se de passagem.

Ana Pinho: O que aconteceu foi que eu tava pensando: "Teve Inquisição no Brasil?" Aí eu joguei no Google, e aí apareceu: "sim, teve inquisição no Brasil", inclusive – aí eu achei num site de história – sabe aqueles blogs de história, tipo, famosos? – que tinha tido fogueira no Largo de São Bento. Aí eu falei: "Gente!"

Branca Vianna: Pessoas ardendo em chamas no centro de São Paulo. É impressionante mesmo. Tanto que a gente mordeu a isca. Quem foram essas pessoas? Elas eram acusadas do quê? Como é que a gente nunca ouviu falar disso antes? A gente pediu pra Ana apurar mais. E, nisso...

Ana Pinho: Sei lá, dez minutos a mais de Google, e eu descobri que não teve fogueira nenhuma no Brasil.

Branca Vianna: Pois é. A Inquisição portuguesa, ou o Tribunal do Santo Ofício, esse braço da igreja católica que perseguia as pessoas acusadas de heresia, nunca queimou ninguém na fogueira... no Brasil. Queimou bastante gente, até, mas não por aqui. Daí, em vez de escrever pra gente com o rabo entre as pernas, e dizer que a pauta tinha caído, a Ana continuou cavando.

Ana Pinho: Eu corri atrás do prejuízo, né, pra poder desenvolver uma história paralela.

Branca Vianna: E ela encontrou outras histórias – que, além de reais, eram muito surpreendentes.

Ana Pinho: Então, foi a partir dessa fake news que desvendou todo o universo da Inquisição brasileira...

Branca Vianna: A nossa imaginação é meio clichê. E o passado é tudo menos isso.

Ana Pinho: O que eu achei que ser acusado de bruxaria no Brasil acaba sendo todo um retrato complexo das várias paranoias e das várias violências que compunham o Brasil colonial.

Branca Vianna: O episódio dessa semana vai falar sobre fogueiras. No segundo ato, vai ter chamas correndo soltas pelo Brasil no século 21. Mas, nesse primeiro ato, a gente vai ter fogueiras que, mesmo não sendo literais, não são menos assustadoras.

AS BRUXAS

Aldair Rodrigues: Então, esse imaginário de caça às bruxas que a gente tem na cabeça, ele se aplica mais ao norte da Europa.

Branca Vianna: Esse é o Aldair Rodrigues, professor do departamento de História da Unicamp, que pesquisa o Brasil colonial.

Aldair Rodrigues: Portugal não teve uma caça às bruxas como aconteceu no norte da Europa. No caso português, o maior alvo da Inquisição é a heresia judaica.

Branca Vianna: Primeiro mito: a grande caça às bruxas. O alvo número um da Inquisição portuguesa eram os judeus. Segundo mito: era só gritar “bruxa” que o pessoal já ia empilhando a lenha.

Narayan Porto: "Ah, bruxa! Levanta uma fogueira e queima!" Não é assim.

Branca Vianna: Essa é outra estudiosa que a Ana ouviu na apuração dela.

Narayan Porto: Eu sou Narayan Porto, tenho 33 anos...

Branca Vianna: A Narayan é filóloga. O que significa que o que ela faz é quase bruxaria: ela decifra garranchos de manuscritos centenários.

Narayan Porto: Então eu treinei muito os meus olhos. Identifica uma letra, aí vira uma sílaba, uma palavra. Aí você consegue ler mais rápido. Não tem feitiçaria, é treino.

Branca Vianna: Esse poder sobrenatural da Narayan é bem importante pra gente entender que a Inquisição não tinha nada de passional. A Inquisição envolvia uma burocracia gigantesca, que deixou muitos manuscritos. Ao longo dos anos, foram mais de 45 mil processos. Que é até pouco, se a gente pensar quantos lugares tavam envolvidos – isso foi em Portugal e todas as colônias –, e também, quanto tempo ela durou.

Ana Pinho: A Inquisição portuguesa foi de 1536 a 1821.

Branca Vianna: Nossa.

Branca Vianna: Quase três séculos de papelada.

Ana Pinho: Chegou ali no final, já estava tipo super em baixa. Mas durante o período colonial ela foi muito forte nas colônias portuguesas. A questão do Brasil é que o Brasil não teve o Tribunal do Santo Ofício.

Branca Vianna: Pra lidar com territórios tão espalhados, a Inquisição portuguesa acabou criando 4 "filiais".

Ana Pinho: Tinha quatro tribunais, Portugal determinou quatro tribunais. O único que era fora de Portugal ficava em Goa e aí ficou determinado que o Tribunal de Lisboa – que tinha outros dois em Portugal, era o responsável aqui pela nossa bagunça.

Branca Vianna: A Inquisição até visitou a colônia do Brasil algumas vezes – vinha uma comitiva e passava uns anos aterrorizando uma região específica. Mas quem lidava mesmo com os casos era a instituição, lá em Lisboa. Agora, lembra daqueles mais de 45 mil casos de que eu falei? Eles incluem 1.076 pessoas que foram levadas presas do Brasil e condenadas pelo Santo Ofício em Lisboa. E aí vem a pergunta: mas foram condenadas por quê? Como as regras da Inquisição mudavam de vez em quando, o Tribunal de Lisboa mandava alertas periódicos pro Brasil – uns documentos que eram chamados de "editais". E nesses editais, que eram lidos em voz alta pelos padres durante a missa, eles iam detalhando tudo que não podia fazer naquele momento. É como se fosse o equivalente colonial daquele aviso que o síndico bota no elevador, falando: "a próxima bituca de cigarro que cair no pátio, cabeças vão rolar".

Ana Pinho: E aí esse edital era conclamando a população a denunciar ou se auto denunciar. Se você se auto denunciasse, você podia ter um período de graça.

Aldair Rodrigues: Tem toda uma pressão psicológica. E também, se as pessoas não denunciassessem o que elas soubessem, ou se não se auto denunciassessem, elas estavam automaticamente excomungadas da igreja.

Narayan Porto: "Se você sabe de alguma coisa de alguém, venha falar. Se você não denunciou, você vai– vai– vai dar ruim para você também. Você estava encobrindo. Como assim? Você sabia e não falou nada?"

Aldair Rodrigues: A gente vai ter pai denunciando filho, filho denunciando pai... Então isso desagrega muitas famílias.

Ana Pinho: E nos editais tava sempre escrito: "Se você sabe – sabe de alguém", ou "se você ouviu dizer" que alguém faz isso...

Branca Vianna: Além de judaísmo, tinha muita gente denunciada por bigamia. Tinha gente que deixava uma família em Portugal e casava de novo no Brasi; tinha gente que tinha ficado viúvo do companheiro ou companheira em Portugal mas não tinha como comprovar isso e tinha gente que só tava querendo se casar de novo – mas, né, o divórcio só ia ser legalizado por aqui em 1977. E aí tinha outra acusação bem comum: de feitiçaria. Essa categoria era bem ampla.

Ana Pinho: E aí podia ser – eu peguei um exemplo de um edital e aí estava escrito diversas coisas que não pode fazer – adivinhação astrológica. Se você conhece alguém que faz, denuncia.

Narayan Porto: "Ah, fez uma oração ali meio estranha!" Denúncia. Teve uma senhora, que ela foi denunciada, eu não lembro a época, mas por que? Por exemplo, estava chovendo. Ela falou que era Deus fazendo xixi. Sabe? E aí – a mulher soltou, assim, sabe? E aí ela foi denunciada.

Carolina Rocha: Porque, na verdade, bruxaria e feitiçaria podia ser qualquer coisa. Podia ser um olhar. Teve pessoas denunciadas por olhar. "Ah, ela olha pra mim muito profundamente. Está fazendo um feitiço olhando para mim!"

Branca Vianna: Essa é mais uma estudiosa que a Ana consultou pra essa história, a Carolina Rocha. O foco do estudo da Carolina são os atos inquisitoriais que têm mulheres como réis.

Carolina Rocha: Tem uma mudança a partir do Martelo das Bruxas, né, dessa publicação do Martelo das Feiticeiras, que é uma obra que vai dizer que toda mulher tende a pactuar mais facilmente com o diabo.

Branca Vianna: O "Malleus Maleficarum", ou "Martelo das Bruxas", ou "das Feiticeiras" é um manual inquisitorial alemão do final do século 15 que discorre sobre o poder do demônio, descreve como agem os compactuados com ele... e propõe um código penal dos culpados – ou culpadas.

Carolina Rocha: Então as mulheres, elas viram potenciais bruxas, mesmo as que não sofreram acusações diretas. Elas são sempre potenciais bruxas e feiticeiras.

Branca Vianna: E cê já deve estar imaginando que nem toda denúncia partia de motivos puramente religiosos.

Narayan Porto: Intriga entre parente, vizinho, ou inimigos... Era comum. Era uma estratégia para tirar pessoas do caminho. "Ah, eu não gosto de fulano. Ah, eu vou inventar um negocinho aqui, vou lá falar dele".

Carolina Rocha: Então você tem ali também uma pedagogia do medo.

Ana Pinho: Todo mundo de olho em todo mundo, todo mundo denunciando todo mundo, todo mundo se denunciando.

Branca Vianna: Imagina como é que não ficava o inbox da Inquisição, com esse tanto de denúncia chegando. E, por mais que não tivesse a estrutura do tribunal em si aqui no Brasil, tinha uma primeira peneira dessa triagem.

Ana Pinho: O que era – passava por essa triagem, era enviado a Lisboa.

Branca Vianna: E digamos que não faltava trabalho...

Ana Pinho: E era esse estado de paranoia absoluta, que no Brasil, por ser um território muito grande, a igreja começou a fazer uma rede de agentes civis que eles não podiam, não davam conta...

Branca Vianna: A igreja passou a recrutar frilas leigos.

Aldair Rodrigues: E aí a Inquisição começa a apostar numa outra estratégia, que é: habilitar pessoas comuns, principalmente comerciantes, estão ficando ricos e não têm status social. Querem essa— esse prestígio que a Inquisição dá.

Branca Vianna: Trabalhar com a Inquisição era muito chique. E era pra poucos. Um dos pré-requisitos era certificar a pureza do seu sangue.

Ana Pinho: Então, a pureza de sangue, era como se fosse... Bom, quem leu Harry Potter, o cancelado Harry Potter, sabe, que Harry Potter é bem parecido – mas era você comprovar a sua ascendência: ser livre de sangue judeu, de sangue africano, de sangue indígena... que você era branco. Era um atestado de branquitude pura.

Branca Vianna: E cristã.

Ana Pinho: Cristã, europeia.

Aldair Rodrigues: No Brasil a gente teve uma rede... apenas em Minas Gerais, a gente tinha 457, por exemplo.

Ana Pinho: E você tinha até isenção fiscal se você trabalhava pro Santo Ofício.

Branca Vianna: Já tinha isenção fiscal pra safadeza, pra coisa ruim. Olha só, que loucura!

Ana Pinho: E você era essa figura de autoridade, que todo mundo tinha medo de você. Você era o policial do Stasi.

Branca Vianna: Tinha muita coisa que não chegava ao nível da heresia – que era o foco da Inquisição – e aí era resolvido só com o padre local chamando a atenção, tipo: alguém que não tá confessando como devia, um casal que tá morando junto

sem se casar... esse tipo de infração era, no máximo, julgado por tribunais menores, dentro do Brasil. Os agentes do Santo Ofício tavam procurando coisa mais grave. Tipo judaísmo. Tipo bigamia. Tipo feitiçaria. O processo funcionava assim:

Ana Pinho: Alguém foi acusado de feitiçaria aqui no Brasil.

Narayan Porto: Se não procede, absolve e acabou ali. Se procede e se tem prova, aí encaminha para o Tribunal do Santo Ofício de Lisboa.

Ana Pinho: Lisboa recebia e falava: "tenho interesse, tragam para cá". E as pessoas iam e elas ficavam nesses cárceres inquisitoriais, que eram terríveis. E elas ficavam nesses cárceres por meses, às vezes por anos.

Carolina Rocha: Esses cárceres de custódia são descritos na documentação como lugares em que havia ratos, que a comida era podre – Nada muito diferente do que a gente pensar em sistema carcerário hoje, né.

Ana Pinho: E dentro do projeto da Inquisição, eles tinham algo que chamava "tormento", que era a tortura.

Narayan Porto: Se você fala— se você confessa, você morre. Se você não confessa, você é torturado até você falar alguma coisa.

Carolina Rocha: Quando chega no quinto interrogatório, e o inquisidor fala: "Você fez o pacto com o diabo? Se você assumir que você fez o pacto com o diabo, se mostrar arrependida, você vai receber algumas penas que são atenuadas, e vai ser liberto". A pessoa diz: "Ai, tá. Eu fiz esse pacto com o diabo. Seja lá o que isso significa, fiz o pacto com o diabo".

Ana Pinho: E aí, uma vez que você era condenado, aí você podia ser condenado ao degredo, que era você ser exilado em algum lugar. Durante muitos anos o degredo era pro Brasil, mas depois o Brasil subiu na vida e o degredo era para outros lugares. Você podia ser condenado às galés, que era o trabalho forçado. Você podia ser condenado a ser açoitado publicamente. Você podia ser condenado a penas espirituais. Você podia ser

condenado a ser retirado por X anos para o convento ou monastério. Você podia ser condenado à prisão. O que eu achei mais fascinante era que você poderia ser, por último, condenado à morte, que na Inquisição se chamava "relaxado ao braço secular". Que, quando eu li primeiro, eu falei: "Ah, relaxado, legal!"

Branca Vianna: "Tá relax, tá bom."

Ana Pinho: "Tá relax, vai para a prisão!"

Branca Vianna: Só que não. "Relaxado ao braço secular" significava que o Estado ia executar a pessoa.

Ana Pinho: Porque a Igreja ia ser extremamente hipócrita se ela matasse. Porque diz que não pode matar.

Branca Vianna: Podia prender num lugar fétido, e podia torturar, e podia dar comida podre.

Ana Pinho: Mas não de sangue vertido. A igreja não pode verter sangue.

Branca Vianna: A Igreja não podia derramar o sangue de ninguém. Mas ela podia fazer muita coisa. E ela fez. Vamo voltar aqui nas bruxas.

Ana Pinho: A feitiçaria era qualquer tipo de prática mágica que não era de certa forma sancionada pela igreja. Então qualquer tipo de prática religiosa ou mágica, simpatia, oração, chá, adivinhação...

Branca Vianna: Chá?

Ana Pinho: Se você fizer um chá de erva, ali, que é pra, sei lá, você se curar. Se você tomava, você lidava com ervas, com raízes, com plantas... se você tinha esse saber mais da terra, esse saber que, assim, de certa forma a gente poderia saber, do ponto de vista da igreja, pagão. Que, no nosso caso, aqui no Brasil era muito maluco porque você tinha os saberes mágico-religiosos, indígenas que eles não conheciam nada, os saberes

mágico-religiosos de todo o continente africano que eles temiam desesperadamente, na paranoia de senhores. Eles não conheciam nada, então qualquer coisa que parecesse uma magia esquisita ou uma prática – patuá, mandinga... cê podia ser denunciado por essas coisas. Por estar carregando o amuleto. Porque é uma mágica que não é a mágica de Deus, é só a mágica de Deus nesse mundo dividido em dois, só pode ser uma mágica do diabo.

Narayan Porto: A gente começa em 1754, que é quando o processo foi aberto. E aí a gente está então na Vila da Nossa Senhora do Desterro de Jundiá.

Branca Vianna: Esse é um caso que a Narayan estudou. Não tinha a ver com chá, mas tinha a ver com denúncia. É a história de duas mulheres, mãe e filha: a Thereza e a Escholástica.

Narayan Porto: Qual que era a acusação? Que as duas mataram, por meio de feitiçaria, o marido da Escholástica. Marido da filha, então.

Ana Pinho: O arquivo é muito engraçado. O arquivo diz assim: "acusadas de matar Manuel Garcia, acusadas de matar outros homens".

Branca Vianna: Serial killers, as duas.

Ana Pinho: E aí essa acusação era tipo: "Ah, ela passou a mão nos olhos do Manuel e o Manuel ficou cego".

Narayan Porto: "Ela passou a mão nas pernas dele e aquilo ali virou ferida".

Ana Pinho: "Ela mexeu na comida dele e ele passou mal".

Branca Vianna: Antes do Manuel morrer, já tinha essa suspeita de que elas tavam armando pra cima dele.

Ana Pinho: E a pessoa que acusou que era o sobrinho do Manuel, é a família do sobrinho do Manuel, contratou um outro feiticeiro pra fazer um contra-feitiço.

Narayan Porto: eles chamaram esse feiticeiro ali da vila, que era o Francisco, que era um homem escravizado... então chamam ele para curar o Manuel.

Ana Pinho: Ir lá e desfazer o feitiço delas e espalhar pra todo mundo que elas enfeitiçaram o cara.

Branca Vianna: Então o feiticeiro Francisco vai lá, tenta curar o Manuel e não consegue. E aí, aparentemente, o Francisco foi instruído a sair espalhando que foram a Thereza e a Escholástica que mataram o Manuel. Só que aí entram as testemunhas delas, que dizem que tudo isso é invenção da família do Manuel.

Narayan Porto: O que o cara tinha era lepra, e ele já tinha isso há um tempo. Ele morreu disso. Não tinha nada a ver com feitiçaria.

Branca Vianna: Ou seja, não era à toa que ele tava com feridas na perna. Além disso, as testemunhas diziam que a Thereza e a Escholástica jamais fariam qualquer feitiço.

Narayan Porto: "Não, porque elas eram" – aparece muito isso – "elas eram boas cristãs, mulheres tementes a Deus". Aparece muito isso nos testemunhos.

Branca Vianna: O que vai ficando claro é que elas têm muita força na comunidade.

Narayan Porto: Elas, a Escholástica e a Thereza, não eram quaisquer pessoas.

Ana Pinho: E o marido da Thereza Leite era o juiz local.

Branca Vianna: O sogro do morto.

Ana Pinho: O sogro do morto. Quando essas denúncias são feitas, um monte de gente da cidade vai testemunhar a favor delas, porque, claro, vai testemunhar a favor do juiz local, da família do juiz local.

Branca Vianna: E aí, o que podia ser uma história de duas mulheres conseguindo fugir da fogueira – as tais "bruxas que vocês não conseguiram queimar" – acabou sendo uma história sobre outra coisa.

Ana Pinho: E o juiz decide ali – o que é extremamente brasileiro no contexto da violência brasileira – penalizar o feiticeiro Francisco.

Branca Vianna: Ah, meu Deus! Ah, meu Deus do céu... Que era um homem escravizado.

Ana Pinho: Então ele é açoitado publicamente por ter acusado elas de fazerem feitiçaria.

Narayan Porto: O que fica claro é que ele foi punido por ter tentado mexer com pessoas que ele não devia mexer.

Ana Pinho: ele foi açoitado e devolvido ao dono dele, que era uma outra pessoa. E então a única pessoa penalizada não foi nem a família que fez a denúncia falsa, não foi...

Branca Vianna: Não foram elas. Porque a denúncia era falsa.

Ana Pinho: Não foram elas. Elas foram inocentadas. E foi só o Francisco. E piora, Branca, piora. Por que? Por que eles– elas foram acusadas em primeiro lugar? Qual era o objetivo de acusá-las de terem matado através da feitiçaria o Manuel?

Branca Vianna: Era uma briga de herança. Porque o Manuel tinha morrido sem deixar testamento.

Narayan Porto: E o que que era essa herança que o Manuel tinha deixado? Escravos. Indígenas. "Ah, mas indígena não podia ser escravizado". Por lei, teoricamente não podia— não podia.

Branca Vianna: Teve várias leis nesse sentido desde o começo do século 17. Mas a gente sabe o quanto de coisa que “não podia”, que acabava podendo.

Narayan Porto: Qual que era o argumento que era colocado? "Olha, os indígenas, eles são incapazes de tomarem conta de si mesmos, então eles precisam de alguém para administrá-los". Então essa era a chamada administração particular. Então era um jeito de – "Olha, a gente toma conta, a gente cuida!" Sabe? Mas era outro nome para pra escravidão.

Ana Pinho: Então toda essa treta, esse caso de família, era baseado em cima da violência, da escravidão.

Branca Vianna: Nossa, que história horrível.

Ana Pinho: É horrível. E aí é isso aí eu propus, eu falei assim: "não, vamos fazer uma história de bruxas inocentadas". Aí eu fui olhando mais, eu falei: "Nossa..."

Branca Vianna: É, essas foram acusadas de bruxaria e foram inocentadas. Mas de que jeito, né?

Narayan Porto: Parece fácil. Duas mulheres acusadas de feitiçaria. E aí: "É isso aí, fizeram o feitiço". Tá, mas aí você vai lendo, vai pesquisando e fala: "Cara, é muito complexo". A colônia é complexa.

Branca Vianna: A Narayan Porto, essa pesquisadora com quem a Ana conversou, diz que, em geral, quem se interessa por esse caso se interessa só pelas “bruxas de Jundiá”.

Narayan Porto: Querem saber das bruxas, das feiticeiras. Só que a gente tem outras pessoas, outras vítimas nesse processo. E elas não têm voz. Que

são justamente esses indígenas escravizados, tratados como posse. E o próprio Francisco. Que estava em situação de escravidão.

Branca Vianna: Nesse caso, já que as testemunhas desmentiram as acusações, o caso morreu por aí e não foi parar nas mãos da Inquisição em Lisboa. Parece provável que fosse realmente intriga de parentes. E que a Thereza e a Escolástica não tivessem fazendo nada – nada com o Manuel, porque elas tavam era mantendo pessoas indígenas escravizadas, né? Mas isso não se qualificava como heresia. Mas a Ana me contou sobre outro caso em que parece que realmente rolava um ritual.

Ana Pinho: Esse é um caso interessante. Porque o que acontece? É no interior do Piauí, também no século 18, e um jesuíta escreve a confissão dessas duas, da Joana e da Custódia e manda pro Santo Ofício, meio que com um pedido de: "Pelo amor de Deus, olha pra cá, olha a zona que tá aqui". E aí, que zona era essa?

Carolina Rocha: E é interessante porque é uma denúncia de um Sabá. Que que é um Sabá? O Sabá é um encontro coletivo de bruxas.

Branca Vianna: Essa, de novo, é a Carolina Rocha. E ela estudou esse caso, da Joana e da Custódia. A pesquisa dela virou um livro chamado "O sabá do sertão".

Carolina Rocha: Um sabá é muito mais grave do que um feitiço isolado, né? A gente teve pouquíssimos casos de sabá no Brasil. Eu conheço esse, depois eu conheci mais um.

Ana Pinho: E aí esse sabá de bruxas do Piauí era basicamente mulheres escravizadas que se uniam pra fazer alguns rituais de evocação do demônio, falar palavras, fazer pequenas cerimônias de colocar pote nos cantos da casa e chamar o demônio dentro dos potes. Então elas batem de bunda na porta da igreja três vezes. Elas chamam o diabo três vezes. Elas colocam os potes, quatro potes e cada um deles eles falam – elas falam: "Salve, salve, salve o demônio!" o demônio aparece.

Branca Vianna: Isso, claro, na descrição desse jesuíta. Pelo que ele diz, essas mulheres escravizadas se juntavam à noite pra fazer um negócio que era tipo uma missa ao contrário. Só que, nas cartas, parece que esse jesuíta quer interceder pela clemência a elas.

Ana Pinho: Por conta da juventude e por conta do fato delas estarem supostamente arrependidas de terem feito aquilo.

Branca Vianna: Ele chega a citar uma declaração de arrependimento de uma delas.

Ana Pinho: Como se fosse em primeira pessoa: "Isso foi porque eu sou uma rapariga tola de miolos verdes".

Carolina Rocha: Elas são "miolo mole"— sabe "miolo mole", né, nessa expressão? "Miolo mole", "miolo verde". Ou seja, é burra, é tola. Ela fez pacto com o diabo porque era ignorante, sabe.

Branca Vianna: A própria Carolina duvida um pouco da veracidade dessas citações. Mas ao que parece era mais um caso de demonização, de uma leitura cristã enviesada do que provavelmente eram rituais de origem africana.

Aldair Rodrigues: Africanos que estão aqui vivendo as religiões de matriz africana, as religiões africanas de modo geral, quando as pessoas acham que eles estão fazendo pacto com o demônio, que é algo que é muito suspeito, que não segue a ortodoxia católica, etc, essas pessoas ficam vulneráveis a essas denúncias, né?

Branca Vianna: Esse é o Aldair Rodrigues, da Unicamp. O Aldair, que também é chegado em desbravar a burocracia da Inquisição, entende que esse material ajuda a gente a compreender melhor a origem do racismo religioso no Brasil.

Aldair Rodrigues: Essa prática, que é muito comum, de invadir os terreiros, destruir o templo. Essa violência religiosa vem do período colonial. Por meio dessas instâncias repressivas que vão criando esses valores na mentalidade

da população. E elas começam a ver as religiões africanas a partir de uma lógica de medo.

Branca Vianna: Esses documentos ajudam a gente a entender toda uma construção de país. E, na minúcia desses casos, a gente consegue entender o dia-a-dia do Brasil colônia de um jeito que eu nunca li em nenhum livro de história. Ouve só essa cena que a Carolina Rocha descreveu – desse mesmo caso da Joana e da Custódia:

Carolina Rocha: Então você vai ver, por exemplo, lá a Joana e a Custódia botando a imagem de Cristo no tronco. Botando a imagem de Jesus Cristo no tronco de cabeça pra baixo, chamando Jesus Cristo de “moleque”. Chamando a Virgem Maria de “negrinha”. Eu não consigo parar de imaginar que, na verdade, elas reproduziam com esses símbolos da cristandade o que elas mesmas viviam no cotidiano.

Ana Pinho: Era uma questão assim, provavelmente de você... projetar ali o que você sofria.

Branca Vianna: A raiva que você sente.

Carolina Rocha: Em nome de Deus estão sendo feitas as maiores barbaridades ligadas ao colonialismo. A inquisição, a perseguição. Então, olhar para esses símbolos e pensar que eles na verdade estão ali para me destruir não é difícil, né?

Branca Vianna: Dá pra entender o ódio aos símbolos cristãos. E dá pra entender também o apelo do diabo.

Carolina Rocha: Se o diabo tem tanto poder a ponto dele conseguir se equiparar a Deus e conseguir atrapalhar o plano de Deus na terra, então eu também posso fazer um pacto com o diabo para ter algum tipo de poder.

Ana Pinho: Sua vida é um inferno, é extremamente violenta, é péssima. Tudo eles falam que é “a vontade de Deus”. E eles ficam te falando que tem um diabo... “O diabo, ele é poderoso. O diabo, ele é contra Deus. Você toma

cuidado com o diabo". Só que sua vida é o inferno por conta de Deus, então você vai pro diabo.

Branca Vianna: Às vezes o diabo parecia mesmo a única saída pra quem já tava experimentando o inferno em vida. Mas a Ana me contou de outra história, de outra Joana, que agiu deliberadamente pra ser condenada pela Inquisição.

Ana Pinho: Tem um caso da Joana Maria, outra Joana, e que ela decide pegar uma hóstia que ela devia engolir na missa. E sair com a hóstia por aí – o que é totalmente, terminantemente proibido, porque é o corpo de Cristo. Absolutamente herético. Nada a ver, diabólico. E aí? E ela sai com essa hóstia.

Carolina Rocha: Nesse caso, essa Joana, diferente da Joana de Sabá do Sertão, é uma mulher branca, cristã velha.

Ana Pinho: E aí ela é denunciada. A comunidade fica em polvorosa, achando absurdo aquilo. Aí ela é enviada para Lisboa super rápido. E, em Lisboa, ela explica que a ideia dela era ser capturada pelo tribunal porque o marido dela espancava ela todos os dias e ela não aguentava mais.

Carolina Rocha: Ela perdeu algumas galinhas do marido dela. Tinha algumas galinhas em casa. Ela deixou escapar, fugir, perdeu as suas galinhas, e o marido tinha batido muito nela.

Ana Pinho: “Eu sei o que está escrito no edital que eu não posso fazer. E eu sei o que fazer para ser pega por eles”. E ela faz isso.

Carolina Rocha: Eu fico imaginando o que essa mulher passou para preferir estar no cárcere da Inquisição ao invés da sua própria casa.

Ana Pinho: Aham. E ela achava que, se ela já confessasse de cara que era isso, ia meio que dar tudo certo, assim. E é aí– o Tribunal do Santo Ofício fica com ela um tempão, faz tipo 100 páginas do processo dela, e no fim fala: "Você é uma fingida, isso tudo mentira, você vai ficar presa dez anos. Mas se você se arrepender, você pode voltar para o seio da igreja". E aí ela fala: "Ok,

eu vou ficar presa dez anos, mas eu não estou mais em casa". E aí ela fica presa dez anos.

Branca Vianna: Mais um último caso pra gente fechar aqui. É o da Luiza.

Ana Pinho: Luiza da Silva. E ela é uma escravizada em Minas Gerais.

Branca Vianna: Esse caso chegou na Inquisição em 1738.

Ana Pinho: E aí a senhora da casa acusa ela de feitiçaria, porque quando ela vai tentar castigar a Luiza, ela fica com dor no corpo, dor na barriga e aí ela fala que é feitiçaria da Luiza. Aí ela é denunciada por eles pro Santo Ofício, e ela se defende. Ela fala: "Não sou eu, não sou eu, não sou eu". Mas, em dado momento, ela fala: "Não, seguinte: sou eu, eu ponho uma panela de água para ferver e isso machuca os senhores. Sou eu mesmo". E aí ela é despachada para Lisboa. E em Lisboa ela fica vários anos presa no cárcere lá da Inquisição. E é quando ela vai falar com o pessoal da mesa, ela fala: "Olha, eu confessei porque eu fui muito torturada pelos senhores". E aí? Aí que vem essa questão das os documentos serem uma janela: as torturas são descritas em detalhes.

Branca Vianna: Se você tem pavor de descrição gráfica de violência, que nem eu, dá um saltinho de 15 segundos aí no seu aplicativo de podcasts.

Ana Pinho: Então tem uma hora que ela fala: "tiraram minha língua para fora e passaram uma agulha com quatro fios".

Branca Vianna: Ai!

Ana Pinho: Que "prenderam minha mão e eu fiquei de mão para cima com o pé em cima do fogo". E aí diante dessas torturas eu falei: "Não, sou eu mesmo, fui eu mesma. Eu que fiz".

Branca Vianna: Qualquer coisa, menos isso.

Ana Pinho: E aí o Tribunal da Inquisição fala: "Então— então pera aí, então vamos chamar umas outras testemunhas lá do Brasil para confirmar isso aí, de que você confessou porque você era— foi torturada". E é também irônico que eles torturavam, mas essa tortura eles acharam esquisito.

Branca Vianna: Pra ficar claro: o Santo Ofício achou que tinha rolado um erro de procedimento da denúncia, não na tortura da Luiza. Então eles foram checar.

Ana Pinho: Aí eles chamam o pessoal do Brasil, chamam outras testemunhas e as testemunhas falam: "Sim, eu vi ela sendo torturada, eu soube que ela está sendo torturada, eu ouvi ela sendo torturada", e aí o tribunal fala: "Olha, você está livre para ir onde se quiser, está liberada".

Branca Vianna: Nesse momento, a Luiza some das páginas dos registros.

Ana Pinho: A igreja preserva muita coisa. Mas ali, na Torre do Tombo, muitas vezes você acha o desfecho, muitas vezes e muitas vezes, não. Então, às vezes as pessoas somem. Você não sabe o que aconteceu com elas.

Branca Vianna: A Luiza é um desses casos.

Ana Pinho: Ninguém sabe o que aconteceu com ela, mas ela ganha a liberdade né? Ela vira uma pessoa forra.

Branca Vianna: A gente não sabe o que aconteceu com a Luiza. Nem o que foi feito do resto da vida das Joanas, da Custódia, e de tanta gente que cruzou o caminho da Inquisição. O que a gente tem são esses fragmentos da trajetória delas. E eles mostram que bruxas existiram, sim. Que muitas vezes, a fogueira da Inquisição era bem menos assustadora do que a vida que elas estavam vivendo. E mostram também que o mundo daquele momento é muito mais próximo da gente do que a gente gostaria de acreditar.

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Ana Pinho, colaboradora da Rádio Novelo. No segundo ato do episódio de hoje, não vai ter fake news e nem vai ter história colonial. Mas tem bastante fogo. Nossa guia pelas chamas vai ser a Ana Paula Rocha.

MEU PAI CONTRA O DRAGÃO DO FOGO

Ana Paula Rocha: Quando eu tinha nove anos, o meu pai não apareceu na festa de Dia dos Pais da minha escola. Isso nunca tinha acontecido antes. O meu pai nunca tinha faltado. Até aquele Dia dos Pais de 2003. Nessa época, o meu pai não era mais fumante. Então, não, ele não foi “comprar cigarro”, se é que você me entende. Por mais que, sim, talvez aquele dia tenha tido alguma coisa a ver com cigarro. Talvez algum outro pai tenha jogado uma bituca no lugar errado, em condições climáticas perigosamente adversas, e não se deu conta disso. Ou quem sabe um turista que tivesse numa trilha, à noite, tivesse se atrapalhado tentando acender uma fogueira. Não ia ser nem a primeira, nem a última vez que isso acontece. 2003 tinha sido um ano de grandes incêndios florestais no Brasil todo – foram mais de 340 mil focos, segundo o INPE. Bem mais do que os 145 mil focos de 2001, por exemplo.

A região Nordeste foi uma das mais atingidas por esses incêndios. E boa parte deles aconteceu no Parque Nacional da Chapada Diamantina, na Bahia. Esse parque sempre foi muito próximo de mim. A minha cidade natal é Palmeiras, o município onde fica a sede administrativa do Parque. E que agora tava no epicentro desse problemão. Mas, quando o meu pai faltou à festinha de Dia dos Pais da escola, é claro que eu não tinha noção de nada disso. Eu tinha nove anos, a minha irmã, Carol, tinha seis, e a gente não sabia que a Chapada Diamantina inteira – inclusive a nossa casa e tudo o que eu conhecia – tava na linha do fogo. Eu lembro do cheiro de fumaça que tava ali, e de como parecia que dava pra sentir a fumaça pela cidade toda...e aí minha mãe contou pra gente onde é que o meu pai tava. Só que ouvir a justificativa pra ausência dele não tranquilizou a gente.

O que disseram foi que o nosso pai tinha subido uma das serras aqui da Chapada porque ele "precisava trabalhar". A Carol não ficou mais tranquila porque ela ainda era muito pequena, e ela não tinha ideia do que o nosso pai fazia da vida. Ela continuou ali, agarrada à nossa mãe, chorando e me deixando super nervosa... Já eu... eu sabia um pouquinho do que era esse trabalho dele, só o básico do básico: eu sabia que uma das coisas que ele fazia era "apagar fogo no mato". Aquela não era a primeira vez. Só era a primeira vez num dia dos pais. Quando a gente é criança, a gente é sempre muito autocentrado, né... a gente sempre

achando que tudo tem a ver com a gente. Então quando o meu pai se ausentava, eu não prestava muita atenção em nada – só na falta que ele me fazia. Quando acontecia dele "precisar trabalhar" lá no alto das serras da Chapada... ele ia, passava uns dias fora e, quando voltava, não contava muita coisa. Um pouco porque ele pode, com frequência, ser do tipo calado... e um pouco porque ele não queria, justamente, preocupar minha irmã e eu com o que ele tinha passado lá em cima.

Mas o resultado é que eu nunca conheci esse lado do meu pai. O meu pai combatia incêndios florestais. Essa é uma informação importante sobre ele – talvez uma das mais importantes. Esse trabalho é importante não só pra ele, né, mas pra preservação da Chapada Diamantina, que é um dos destinos eco turísticos mais visitados – e mais ameaçados por incêndios florestais do Brasil. Só que, mesmo depois de adulta, eu não sabia muito mais do que isso. Eu me mudei da Chapada pra Aracaju, vim fazer Letras na UFS. E aí, recentemente, eu soube que um amigo do meu pai – amigo e companheiro de brigada contra incêndio –, o Pablo, tava lançando um livro. Um livro ficcional inspirado pela experiência dele e de outros combatentes como brigadistas. Eu fiquei curiosa, claro. Comprei na pré-venda. O livro se chama "Contra-Fogo", e saiu faz uns meses pela editora Todavia.

Assim que o livro chegou, eu li numa sentada. E foi um desses momentos da vida em que você tem uma epifania atrás da outra. Eu ia lendo o livro como se tivesse dentro dele – e como se o protagonista, um brigadista voluntário chamado Deja, fosse um cara ainda mais importante pra mim do que o protagonista de um livro bom. Eu lia como se o Deja fosse um dos amigos do meu pai. O Deja ia se movimentando pelo livro, e eu ia entendendo, página a página, um pouco mais da minha própria história. E eu ainda tava emocionada com a leitura, quando eu soube que o Pablo, o autor, tava organizando um evento de lançamento do livro lá em Palmeiras, na minha cidade, onde o meu pai ainda mora.

Carlos Formiga: Meu nome é Carlos Alberto Rodrigues de Souza, mais conhecido como Carlos Formiga, e eu sou um técnico em turismo e meio ambiente.

Ana Paula Rocha: O apelido dele é "Formiga" porque quando criança ele era muito magro e muito rápido... tipo uma formiguinha.

Carlos Formiga: Trabalho com a questão ambiental já há muito tempo. Sou um agricultor familiar e, além de tudo, um brigadista, hoje não tanto na ativa. Porque hoje eu não tenho nem mais condições físicas de tá na linha de frente. Eu tenho 65 anos, já.

Ana Paula Rocha: Meu pai é agricultor familiar e foi "brigadista voluntário de combate a incêndios florestais". Eu não sei o que te vem à mente quando cê ouve esse título enorme, mas pra mim, na minha infância, ele era sinônimo de "macacão com cheiro de mato queimado". E, também, de abafador de fogo: que é um equipamento com cabo de madeira e um retângulo grande de borracha numa das pontas, que eu lembro de tentar levantar com a Carol quando a gente era pequena – e não conseguir.

Carlos Formiga: Lá no ano de 1968... Eu sou natural daqui de Palmeiras, na Chapada Diamantina, Vale do Capão. E nesse ano a vida era muito difícil aqui. A minha família, é aquela velha história, né, "Família de nordestinos procura o Sul maravilha". E aí eu, minha mãe e minha irmã, a gente foi pra São Paulo. Eu fui pra São Paulo, né, não por uma opção como as pessoas têm hoje de vir para a Chapada Diamantina. Eu fui por necessidade. Então eu fui, mas sempre com – mesmo pequeno, com 10, 11 anos – sempre botei na minha cabeça que eu ia voltar. E, desde quando eu voltei, em 1989, eu me envolvi muito com a questão ambiental, com a questão relacionada com combate a incêndio, relacionada com a preservação ambiental como um todo.

Ana Paula Rocha: Quando meu pai voltou pra Chapada, ainda se falava muito pouco em preservação ambiental por aqui. Mas de repente foram chegando outras pessoas de fora com uma "visão verde" mais consolidada. Foi nessa época que surgiram as primeiras brigadas voluntárias contra incêndios na Chapada, compostas de moradores antigos e recém-chegados, que não ganhavam nada pra isso e não tinham nenhuma formação. Nesse comecinho, era tudo ainda meio no feeling, no amadorismo, na tentativa e erro. O meu pai tava lá desde essa época. Foi só uns anos depois, já na segunda metade dos anos 90, que o governo federal atentou pro problema e começou a treinar os voluntários – com cursos de prevenção e combate a incêndios organizados pelo PrevFogo, o departamento do Ibama que cuida disso.

Mais adiante ainda, no começo dos anos 2000, o Ibama contratou os primeiros "brigadistas oficiais" – homens que tinham passado, aliás, pelas brigadas voluntárias. Eles eram contratados por seis meses, e depois uma nova leva era chamada. O meu pai fez parte da primeira leva, e depois voltou pro voluntariado. Em 2002, o Ibama fez seu primeiro concurso público, e criou o cargo de "analista ambiental". Eles iam ser "guardiões de bens de interesses coletivos" – e, no caso da Chapada, eles iam trabalhar em contato direto com os brigadistas. Uma nova geração de forasteiros ia chegar. O Pablo tava entre eles.

Pablo Casella: Meu nome é Pablo Lacaze de Camargo Casella. Eu sou nascido em Guaratinguetá, interior de São Paulo. Fiz Biologia, passei no concurso público pro Ibama em 2002.

Ana Paula Rocha: Pablo conheceu o meu pai logo que chegou aqui na Chapada. Ele tinha 24 anos em 2002 e, entre todas as 208 estações do Ibama espalhadas pelo país, ele escolheu a da Chapada Diamantina.

Pablo Casella: Esse movimento das brigadas voluntárias da Chapada Diamantina, ele é tão grandioso quanto desconhecido.

Ana Paula Rocha: Eu abri o livro de Pablo e já identifiquei de cara, na descrição dos personagens, uma característica bem marcante de meu pai: o senso de grupo muito aguçado. Um é responsável pela segurança do outro... um se preocupa muito com a vida do outro. Tem uma máxima deles que diz: "nunca fique sozinho combatendo um incêndio florestal". Essa noção de grupo tá logo ali, nas primeiras páginas do livro. Vou ler um trechinho:

"Os primeiro abafador foram de Cunga, Zia e Trote. Eles já tinham trabalhado junto num bocado de fogo, eram entrosado, levantavam os cabo junto e desciam o braço, ao mesmo tempo. Batiam, seguravam, levantavam, de novo e outra vez até fazer um buraco na linha de fogo, um golpe certo na cabeça do dragão. Desse ponto apagado, separamo em dois grupo, cada um seguindo numa direção."

Carlos Formiga: Tinha uma festa de São Sebastião... aí no meio da festa surgiu um foco. Aí a gente sobe pra apagar o fogo. Nessa época foi

justamente a hora que o turismo tava engrenando no Capão, né. Aí tinha os meninos que alguns eram guia, outros trabalhava com lanchonete, não sei o quê— os meninos mais novo com a influência de Salvador, influência das cidades— achava sempre que a gente era doido. Então a gente subiu, largou... Uma galera subiu pra apagar incêndio. Lá em cima, tava um calor da zorra. Um fogo desgramado, a gente apagou, conseguiu apagar. E quando já tava quase terminando... todo mundo puto, mas todo mundo puto com o fogo. Porque a gente queria apagar pra descer pra festa. Daqui a pouco cai um toró, uma chuva disgramada – bem-vinda, na hora – que apagou. Aí começa a gritaria, né, os gritos de glória, festejando, né. Inclusive, uma galera que tava cá embaixo na festa escutou a gente lá em cima. Vem a chuva e vem nevoeiro.

Pablo Casella: Porque, por mais que seja na época quente, num momento de seca, a gente tá falando da Chapada Diamantina, que tem suas altitudes entre 500 a 1500 metros . A gente tá falando de uma região de montanha que à noite é frio, faz frio. Apagou o fogo, durante a madrugada, pode-se ter muito frio.

Carlos Formiga: Tem um rapaz, um brigadista, que ele é grandão, ele é fortão. Ele teve hipotermia. A gente teve que pegar, abraçar ele. Uma galera, abraçar ele, passar um pouco do calor que a gente tinha no corpo pra ele, porque, se não, ele ia morrer lá em cima. Como é que um cara que tinha 1,80 mais ou menos, pesava mais de 100kg, lá em cima, como é que a gente ia fazer?

Pablo Casella: Mas em algum momento ali da dinâmica do combate, nos separamos nós três: eu com Joás e Formiga sozinhos e o resto da brigada trabalhando em outro setor. E ali foi, putz, foi incrível, assim. A gente chegou, sei lá, oito da noite, nove da noite, e ali pelas dez e meia eu já achava que eu não aguentava mais. Olhava, assim: “Nossa, e agora, né? Não consigo mais andar”. E Formiga e Joás “pah, pah, pah” lá com o abafador, trabalhando.

Ana Paula Rocha: Joás Brandão é um dos ativistas ambientais – talvez o ativista ambiental – mais lendário da Chapada Diamantina. Joás é um dos fundadores do GAP, o Grupo Ambientalista de Palmeiras, e um articulador fundamental da brigada

voluntária da cidade. Ele tá sempre com um turbante improvisado na cabeça, e anda pelas cidades da Chapada num carro bem antigo, todo decorado com materiais que ele coleta por aqui: latas, garrafas PET, brinquedos descartados. Joás criou no GAP um programa de reciclagem, hortas comunitárias e outras atividades de educação ambiental e preservação.

Carlos Formiga: Porque Joás, ele literalmente guerreia com o fogo. Ele tem o fogo como um dragão e ele vai derrotar o dragão, e ele vai... E é uma coisa meia doida, mas na realidade é uma coisa que é pura realidade.

Ana Paula Rocha: Joás tem a barba longa e um jeitão meio de profeta, e é um dos brigadistas voluntários mais presentes da Chapada. E ele é frequentemente tachado de "louco". Bom, mas nessa história que Pablo tava contando, Joás tava do lado dele, e ele já tava exausto lá em cima da serra.

Pablo Casella: E Joás é famoso pelos gritos, né, "Booora, vaaaamo!". E esses gritos eram incríveis, assim, eles traziam um alimento. Joás com aquelas turrada dele ali me fez conseguir permanecer no combate até o amanhecer. Teve um cochilozinho, né, Formiga? Ali no meio da noite, e é um cochilo mesmo, assim, 30, 40 minutos pra você dar uma cochilada em cima de uma pedra. Que é outra coisa, né. Imagina, você falar pra alguém que você vai dormir na pedra, no relento, sem coberta, sem nada, com a roupa do corpo. E quando cê acha um lajedozinho, assim, mais ou menos plano, cê tá achando que é a melhor cama do mundo.

Carlos Formiga: Vocês não sabem qual é o valor que tem um colchonete numa serra – um colchonete pequenininho, daqueles fininhos, de um dedo, sabe? O valor que tem... um isolante, um isolante. Isso é de um valor absurdo pra a gente. Porque, você ali você tá na adrenalina, você quando você desliga, você realmente... Você desmaia. E se tiver – é como Pablo citou, coisa de minutos, de uma hora, duas horas – você dá uma deitada ali, você se recupera e volta.

Pablo Casella: E eu lembro de que, mesmo cochilando, o abafador de Joás não parou. E ele não parou pra cochilar.

Ana Paula Rocha: Quando eu imaginava o meu pai combatendo fogo no mato, era sempre de dia – o dia todo, pode até ser. Mas, de noite, bora descansar um pouquinho? Só que – agora eu sei – não é esse o costume dos brigadistas da Chapada.

Carlos Formiga: Hoje, a brigada da Chapada Diamantina, os brigadistas, são chamados de loucos, porque a gente apaga incêndio de noite. Por que que a gente apaga incêndio de noite? Tem todo um porquê: por que, primeiro, a gente conhece a serra; sabe andar na serra. Além disso, a umidade relativa do ar pra você apagar incêndio de noite, ela é muito propícia. Mais propícia. Você consegue localizar os focos muito mais fácil visualmente, né? Você se cansa menos, porque a temperatura tá mais baixa. Então são vários fatores que não é pura loucura, é pura estratégia.

Ana Paula Rocha: A técnica do combate noturno, inclusive, chegou a ser exportada pra voluntários e servidores de outros lugares ameaçados pelo fogo. Em 1999, o Parque Nacional de Monte Pascoal, no sul da Bahia, tava sendo consumido pelo fogo. Os bombeiros e a polícia florestal não tavam dando conta, então eles chamaram a brigada da Chapada Diamantina. Em pouco tempo, as chamas foram controladas. Na maior parte do tempo, de noite. No “Contra Fogo”, o livro de Pablo, a geografia daqui tá muito bem marcada.

Eu ia lendo e vendo os topônimos na minha frente: a ponte do Pau do Urubu, que é o ponto de encontro do Deja com um colega de brigada numa passagem do livro; a distância certinha entre os lugares... o livro também dá nome às causas do fogo. Ao dragão que levava o meu pai lá pra cima da montanha. Nessa conversa com os dois, pela primeira vez, eu soube que uma dessas causas dos incêndios tinha tudo a ver com um outro capítulo da história do meu pai. Ainda na juventude dele, depois da infância em São Paulo, antes da brigada.

Carlos Formiga: Quando eu voltei, eu cheguei a ir trabalhar em garimpo.

Ana Paula Rocha: Garimpo. Afinal de contas, esse nome Chapada Diamantina não é à toa.

Carlos Formiga: Eu me recordo que tinha garimpeiro que quando ele ia pro garimpo, os lugares que as trilhas tavam meio fechadas, ele botava fogo, porque quando ele voltasse, tava limpo, por causa de cobra. O fogo era uma ferramenta de trabalho absurda, que ninguém tinha controle. Se botava fogo para se queimar o capim e esse capim rebrotar de novo pra os animais se alimentar. E esses focos de incêndio surgiam de uma hora pra outra.

Ana Paula Rocha: Esse fogo que os garimpeiros ateavam é uma das causas dos incêndios sucessivos na Chapada – mas ela não era a principal. Tem quem bote fogo no mato de propósito, pra fazer pastagem em lugar irregular, por exemplo. E tem também os turistas desatentos – que são responsáveis por uma parte expressiva dos incêndios. Esses incêndios ilegais e esses descuidos têm consequências ainda mais graves em épocas mais secas.

Pablo Casella: Esses períodos horríveis, eles são cíclicos, né. A gente tem aí alguns anos um pouco mais amenos, e alguns anos são bem intensos. Ali em 2003, a gente teve uma temporzinha de médio drama.

Ana Paula Rocha: 2003 era o ano daquela festa de dia dos pais. E pra mim e pra minha irmã o drama não foi nada "médio".

Pablo Casella: O problema de falar sobre isso é que a gente não tem muito registro confiável sobre o histórico. Muito provavelmente, antes desse movimento todo das brigadas, no passado, a gente deve ter tido temporadas muito piores, né, do que as que a gente realmente testemunhou. Então, desde que começou o monitoramento confiável, parece que 97 foi um ano pesado. Aí, depois de 97, acho que 2003. A gente depois teve 2008 – que eu acho que, desse período registrado, foi a nossa pior temporada – e 2015.

Ana Paula Rocha: Em 2008, simplesmente 50% da área do Parque Nacional da Chapada Diamantina foi destruída. Uma reportagem do jornal O Estado de São Paulo falava que 400 pessoas se mobilizaram pra apagar o fogo – e 350 eram brigadistas voluntários. Nessa época eu já era um pouco mais velha, e eu lembro do meu pai bem revoltado. Claro, ele tava lá no meio do fogo, com o abafador na mão, e tinha que escutar gente tipo o Juliano Matos, que era o secretário de Meio

Ambiente do Estado da Bahia, dizendo que o fogo era culpa das "condições climáticas completamente adversas".

A gente conhece essa ladainha: "Ah, porque em 97 a seca foi parecida", "teve um fogo parecido", "uma enchente parecida". É sempre muito mais fácil dizer que a culpa é da natureza – e não da nossa natureza. Eu até tinha uma noção do que o meu pai fazia lá no alto da serra. "Ah, ele é brigadista, apaga o fogo que dá no mato." Mas era uma coisa meio distante. Eu não conseguia imaginar ele naquela situação. Mas o livro do Pablo conseguiu me transportar diretamente pra aquela experiência. Eu tava inspirada pelo que eu tinha lido, e, pela primeira vez, tomei coragem pra perguntar pro meu pai sobre os riscos que ele viveu apagando fogo lá na serra, com o abafador na mão. E foi aí que ele me contou umas passagens...

Carlos Formiga: Teve um incêndio na trilha pra o lado da trilha da Fumaça, né?

Ana Paula Rocha: Ele foi contando umas histórias que iam deixar a pequena Ana Paula paranoica.

Carlos Formiga: Aquela serra, que é uma parte mais plana. E aí é o seguinte.. só que é plano, só que é cheio de canalão pequenos, canais pequenos, né, abertura, né. E aí, tá indo uma galera. Essa época era aquela época braba que a gente ia com... de chinelo, de bota rasgada, que não tinha equipamento, que a bomba era... tinha trinta caras, tinha duas bomba costal.

Ana Paula Rocha: A bomba costal é um equipamento parecido com uma mochila, cheio de água, que os brigadistas levam nas costas pra as áreas de incêndio. Eu via o meu pai sair de casa levando esse negócio. Eram duas, então, pra uns trinta caras – apagando o fogo, às vezes com chinelo de dedo.

Carlos Formiga: Era uma coisa, assim, bem rústica, mesmo. E aí tá lá uma galera. E dentro dessa galera tinha Naldinho. No meio dos Gerais, como tá todo mundo se vendo, cada um procura um lugar melhor pra passar, né. Naldinho foi ficando pra trás, assim, foi ficando. Daqui a pouco a gente olhou, a gente não viu Naldinho. Naldinho sumiu. "Gente, cadê o Rasta? Cadê o Rasta? Cadê o Rasta? Cadê o Rasta?". Aí já voltamos pra procurar,

pensamos que tinha acontecido alguma coisa. Naldinho tinha caído dentro dum canal desses de noite, porque não tinha lanterna, tinha poucas lanternas. Ele caiu. Um canalzinho desse. Ele caiu numa frincha e ficou preso lá embaixo, uns 5 metros pra baixo. E como era uma coisa pequena, ele gritava e ninguém ouvia. E quem segurou ele foi o abafador. Daqui a pouco, a gente chega lá, aí ele “Ô, velho, vocês não tão escutando não? E eu tô aqui quase morrendo, porra!”. Mas, assim, é uma coisa doida, porque aconteceu isso e o cara podia ter morrido. E ele ficou preso não foi porque ele chegou no fim, não. Ele ficou preso porque o negócio era um funil, fechou, e o abafador segurou ele. A mesma coisa aconteceu comigo.

Ana Paula Rocha: "A mesma coisa aconteceu comigo." Ai, ai. O que veio depois é o tipo de coisa que você nunca – nunca – contaria pra tua filha pequena.

Carlos Formiga: Em outro combate, lá em Mar de Espanha, lá na... Mucugê. Ó, esse combate foi, assim, muito doido. Quando tem um incêndio grande, sai brigadas de vários lugares e vai pra algum lugar. Essa época já era uma época mais, mais estruturada. O ICMBio, o Ibama já tava... já equipava a gente, já tinha equipamento, já tinha mais coisa e pá.

Ana Paula Rocha: ICMBio é o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, que é o órgão hoje responsável pela gestão das unidades de conservação ambiental no Brasil. É esse órgão que fornece equipamentos pras brigadas voluntárias. Já o Ibama cuida mais da fiscalização e do licenciamento ambiental.

Carlos Formiga: Só que, assim, tem brigadista que é brigadista, que vai todo preparado, pá, mesmo voluntário. Agora, tem brigadista que às vezes não vai, confiando que vai ter e não sei o quê. Então, eu sempre andava com duas lanternas. Tinha um determinado brigadista, que eu não vou citar o nome, que ele nunca levava a dele. Eu levei e cheguei e dei a minha pra ele. No meio do incêndio, eu tive que levar dois abafador (um maior e um menor). A gente passou por um lugar que é cheio de cipó. Então enganchava e pá. Bom, pra cê ter uma ideia, eu caí dentro de um canal desse, também, e o que me segurou foi justamente esses dois abafador que segurou.

Ana Paula Rocha: Bom, eu que quis saber, né? O meu pai bem que tentou me proteger. Eu não tinha noção de quanto tempo o meu pai passava lá em cima, no alto da serra, a cada vez que subia pra combater o fogo. Pra mim parecia rápido: eu ia pra escola, voltava, ele não tava ainda, saía mais uma vez pra aula, dali a pouco ele tava de volta. Parecia rapidinho. Mas agora eu descobri que não é sempre assim. Tinha vezes que o meu pai ficava três, quatro dias direto na serra trabalhando pra apagar o fogo. Quatro dias direto, dormindo cochilos de 2 horas ou 1 hora em cima da pedra. Combatendo o fogo a noite toda. Eu lembro que ele voltava magro. Mais magro ainda. De tanto correr atrás do fogo e de se esforçar pro fogo não vir atrás dele. Que nem contou Pablo – ou melhor, o protagonista do livro dele, o Deja.

"De cima dum lajedo visei o longe té enxergar onde tava a linha. Comecei a pensar num jeito de chegar na frente do fogo e percebi que ali dentro da roda das chama o vento tinha um movimento todo doido. Dava pra ver o trabalho do vento deixando as cinza tudo enfileirada, se organizando numa ciranda que começou a girar na minha frente. Um redemunho de fumaça, cinzas e umas fagulha rodopiava avexado e cada vez aumentando mais seu rodo. As fuligem chegaram pra perto ligeiro e, de repente, passaram por mim, que nem uma nuvem que atravessa as planta na serra, e quando eu fiquei todo cercado dentro do redemunho ele parou de crescer. E ficou girando na minha volta, bem em cima da linha de fogo, puxando as labareda pra riba e pros lado, até se juntaram. Eu tava dentro dum curral de fogo brilhante."

Ficar dentro de um "curral de fogo brilhante". Então era assim que meu pai, Pablo, os amigos brigadistas todos que passavam lá em casa antes de subir a serra... então às vezes era assim que eles sentiam. Encurralados. Pelo fogo. Olha, não é fácil botar alguém que cê ama no meio de uma imagem dessa: um círculo de fogo, e teu pai ali no meio. Mas no fim, quando eu chamei essa conversa, essa era justamente a minha intenção, por mais aflitivo que fosse: conseguir ver o meu pai lá em cima. E isso eu te digo que eu consegui. Finalmente, eu vi o meu pai lá no alto da serra. Eu vi ele nos momentos mais difíceis... e eu me esforcei também pra enxergar como é que é vencer o fogo.

Ana Paula Rocha: E qual é a sensação depois que apaga o incêndio?

Carlos Formiga: Ah, minha filha, aí é... aí é indescritível. Não tem como te... Ó, aí vem o cansaço – porque depois que você desliga, o cansaço bate –, mas a satisfação de ter acabado, de ter derrotado, como o chefe fala, "o dragão" – rapaz! – não tem como mensurar isso, sabe? A gente fica, assim, aliviado de ter feito uma coisa legal não só pra você que tá ali. Eu não tô aqui pra provar que eu sou um bom brigadista, não – mas por todos: pela água, pelo meio ambiente, pelos animais, por tudo ali, né.

Ana Paula Rocha: Em 2023, o Instituto de Pesquisas Ecológicas, o IPÊ, identificou por volta de 200 brigadas voluntárias de prevenção e combate a incêndios florestais no país. Não tem um dado anterior a esse, pra gente comparar – o IPÊ resolveu fazer esse estudo agora justamente pra tentar mapear o tamanho dos furos na nossa rede. E o que também ainda não tem é uma política pública para a criação de brigadas voluntárias. O que estimula novos grupos a surgir é só o exemplo dos grupos que já existem, mesmo. Mas, uma vez formado um novo grupo de voluntários, o próprio corpo de bombeiros local ou o Ibama – pelo PrevFogo – têm ajudado na formação desses brigadistas. Hoje existe, inclusive, a Rede Nacional de Brigadas Voluntárias.

A Brigada Voluntária do Vale do Capão é uma das fundadoras – e o meu pai tava presente lá desde o primeiro dia. O meu pai sempre se esforçou muito pra passar o jeito dele de ver o mundo pra mim e pra minha irmã. Ele sempre levou a gente pra tudo que é tipo de atividade educativa, trilha ecológica, plantio de árvore... a gente, querendo ou não. Agora, depois de conversar com ele, eu entendo melhor por que tanta atividade. O que importa mesmo não é o discurso, é a prática. Era ensinar pelo exemplo. Essa nossa conversa – esse papo adulto entre o brigadista e a filha jornalista do brigadista – é parte disso. Agora eu entendo o porquê das ausências. E não só eu.

Carol: Eu sempre fui a manteiga derretida da família. Eu chorava bastante. Eu não entendia. Enquanto você ficava com raiva por não conseguir controlar o meu choro.

Ana Paula Rocha: Essa é Carol, a minha irmã mais nova.

Carol: Eu não entendia, eu chorava bastante sem entender o porquê de papai estar ali, já que ele sempre foi tão presente.

Ana Paula Rocha: E como era para você isso do nosso pai estar em incêndios?

Carol: Eu lembro que a gente quando pequena já participou de alguns cursos com ele sobre o fogo e tudo mais, mas era mais uma diversão do que entender de fato o risco do que era um incêndio. Eu fui entender já quando já era maiorzinha e quando ele se acidentou, que ele caiu apagando incêndio. E eu fui ter uma dimensão do que era tão perigoso. Hoje, tendo uma noção maior do que é um incêndio florestal, das causas e da necessidade de combater ele, principalmente na região onde a gente mora, eu tenho a noção de que foi necessário na época, assim. Apesar de isso ter marcado a mim e a você, principalmente nessa festa, principalmente para mim, que sempre dei muito mais valor a essas coisas de festinha de criança, dessas coisas, de viver esses momentos. Hoje eu entendo que foi necessário e para além disso, eu entendo que isso faz parte do que é o Carlos Formiga. Faz parte do que é o nosso pai. Se esse meu pai não fosse combater esses incêndios, meu pai não se envolvesse com isso, não seria ele.

Branca Vianna: Essa foi a Ana Paula Rocha, colaboradora da Rádio Novelo.

Obrigada por seguir com a gente em mais esse episódio. Essa semana, no post do episódio no nosso site, dá pra você conferir um dos editais da Inquisição que foi lido na missa pra aterrorizar o pessoal. E tem links de toda a pesquisa que ela consultou pra essa história. Também tem foto da Ana Paula Rocha com o pai dela, e de outros brigadistas da Chapada. No site, dá pra você se inscrever pra receber nossa newsletter, que a gente faz toda semana pra complementar o episódio novo. Se você ainda não segue a gente nas redes, a gente tá no @radionovelo, tanto no Twitter quanto no Instagram. E tem sempre nosso email apresenta@radionovelo.com.br, pra vocês mandarem críticas, elogios, sugestões, e ideias pra novas histórias pra gente contar por aqui.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux,

E a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca

E a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, a Júlia Matos e a Ashiley Calvo.

A checagem deste episódio foi feita por Ana Rita Cunha e Bruno Lima.

Nesse episódio, a gente usou música original de Stela Nesrine e Amon Medrado.

E, também, da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

Tivemos apoio de montagem da Mariana Leão.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Brigada, e até a semana que vem.